

IDENTIDADE

Equipe docente da disciplina Ser Humano em relações

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix



Traduzir-se (FERREIRA GULLAR)

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Neste poema, o poeta brasileiro Ferreira Gullar mostra uma série de paradoxos: Quem somos? Como nos percebemos? Como os outros nos percebem? Quem é o outro? Além de apontar para esses paradoxos, ele também trata da nossa estranheza diante de vários de nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos.

Quando falamos em identidade, é importante voltarmos o pensamento para a Grécia Antiga e a frase do oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Ou seja, o autoconhecimento é a fórmula para as descobertas e para que sejam encontradas respostas para vários dilemas.

Dizer quem somos não é tarefa fácil. Somos seres em si, mas também seres no mundo. E o dilema sobre o sentido do ser ficou bem expresso na frase de Hamlet: “Ser ou não ser: eis a questão”. Quantos de nós ficamos sem saber o que responder diante da pergunta inicial do perfil do Orkut: “Quem sou eu”. Coloca-se nome apenas? Sobrenome? Profissão? Escolaridade? Onde mora? O que gosta ou não gosta? Há múltiplas respostas para essa pergunta e todas elas se referem à identidade.

O conceito de identidade é um conceito amplo. Para Ana Mercês Bock, identidade é o que permite a alguém se reconhecer e se posicionar no mundo, ou é a consciência de si, de sua singularidade, de sua exclusividade em relação aos outros. Outros autores ampliam esse conceito, dizendo que identidade se refere às nossas características externas e visíveis, aos aspectos que os outros podem ver, ou seja, à impressão que deixamos nas pessoas ou o que aparentamos ser (comportamento). Refere-se também a nossas qualidades sociais e emocionais.

O conceito de identidade também diz respeito aos modos de interação entre pessoas, como também aos papéis que uma pessoa se atribuiu e adotou para funcionar na sociedade. Somos conhecidos pelas funções sociais que desempenhamos.

Quando falamos que a identidade se constrói em relação às outras pessoas, já mencionamos um importante aspecto dela: sua dimensão relacional. É a outra pessoa que nos constitui, que diz quem somos, que nos estabelece valores e nos define esteticamente, intelectualmente, profissionalmente.

Dependemos, portanto, do olhar da outra para nos constituirmos enquanto sujeitos, ou seja, para que nossa identidade se estabeleça. O primeiro outro que nos constrói é a mãe. Inicialmente nos identificamos com ela, para, lentamente, irmos nos

diferenciando e escolhendo outros objetos de identificação; porque a identidade se constrói dessa forma: com aproximações e distanciamentos.

Nossa identidade também é construída a partir dos padrões de relações e comportamento da nossa família (eles funcionam não apenas como referências imitativas, mas como modelo de comportamentos a serem adotados e a serem repelidos) e do ambiente cultural que nos envolve (a cultura nos regula todo o tempo). Outros elementos que contribuem para a autodefinição são a escola e o trabalho. Aceitação, rejeição, valorização, desvalorização têm um forte apelo nos relacionamentos vivenciados na vida escolar e na vida profissional.

A definição de cada pessoa, portanto, é construída a partir de imagens (como aparenta ser, com quem ou com o que se parece), impressões, julgamentos, situações (que papéis ela exerce em diferentes contextos, como se porta diante dos ambientes onde circula), textos (o que ela diz de si e o que dizem dela). Todos esses elementos expressam algo sobre as pessoas e sobre aqueles que com essas pessoas interagem.

O conceito de identidade traz duas ideias contraditórias: fixidez e dinamismo. A identidade é fixa, mas também é dinâmica. É fixa, porque se refere a uma série de características que não mudam conforme o tempo, como o nome de alguém, suas relações de parentesco, sua nacionalidade, seu sexo. É fixa, porque há atitudes e reações em determinada pessoa que são previsíveis e que se repetem.

E, por outro lado, é dinâmica, porque as pessoas não são as mesmas. Os diversos ambientes por onde circulam levam a alterações no jeito de perceber a realidade, de demonstrar sentimentos, de agir ou reagir. Assumimos uma série de posturas diferenciadas conforme os lugares onde vivemos porque, como já foi mencionado, nossa identidade é construída nos relacionamentos e para que estes se mantenham. A boa funcionária, o bom filho, o amigo fiel dividem lugar com outras de nossas características como: o/a tímido/a, nervoso, bem-humorado, desajeitado, simpático, disponível, insensível, algumas dessas características herdadas por nós, outras adquiridas no contato social e que, de certa maneira, apontam para quem somos.

Essa relação entre a fixidez e o dinamismo pode ser exemplificada no título de um CD do Gabriel: “Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo” de 2001. Nesse CD ele questiona a repetição e a passividade diante dela.

Como já foi abordado, somos identificados por nossa história e pela história de outros que nos colocaram referenciais (filho, vizinho, funcionário, amigo), mas também somos identificados por elementos físicos (sexo, cor da pele, cor do cabelo) e por características comportamentais (dócil, irritado, paciente, intolerante, amigo, solitário).

Quando o psicanalista André Green fala em identidade formada por histórias, ele nos remete ao passado das pessoas (a ex-isto, o ex-aquilo), mas também ao presente (ao que experimentamos). No processo de construção da identidade, processo este, contínuo, o novo se une ao velho: quem sou hoje se une a quem fui um dia. O antigo, portanto, está no novo. Somos resultado de nossas experiências.

Mas e a crise de identidade, o que significa isso? As crises de identidade se referem a momentos em que nos deparamos com novas experiências que exigem respostas para as quais não nos preparamos. Há tantas mudanças e decisões a serem empreendidas, que não nos organizamos para elas.

Nesses momentos, a pessoa procura ter mais clareza de quem é, daquilo em si que é traço seu ou é desejo dos outros ou projeto dos outros. A adolescência é um desses momentos, em que as definições se tornam urgentes e, por isso, há várias rupturas.

A identidade, contudo, não é apenas singular, ela pode, em alguns momentos, ser coletiva. É a identidade social. Essa se refere à identidade assumida por um grupo em determinado contexto. Por fazermos parte de determinados grupos, tendemos a assumir a identidade desse grupo. Na verdade, assumimos a identidade do líder do grupo. Como já foi mencionado, no processo de construção da identidade, há a imitação de modelos.

Um dos exemplos de identidade social está nas identificações com grupos religiosos, partidos políticos, pessoas do bairro, colegas de escola ou de trabalho. Se a identidade é dinâmica, às vezes, há o risco de congelá-la ou de fixá-la a um único padrão, o padrão do grupo. Nesse momento, as pessoas parecem se esquecer dos traços ou elementos individuais que compõem a identidade, o que é problemático. Tornam-se, então, apenas o/a profissional x ou y e se esquecem de que são sujeitos, que possuem características que os individualizam e que tais características são importantes, pois o tornam único.

Outra questão importante para ser trabalhada quando se menciona o processo identitário são os estigmas, ou seja, os preconceitos ou as marcas negativas que pessoas ou grupos carregam, tanto por traços físicos, quanto por serem portadores de transtornos mentais ou serem portadores de necessidades especiais, ou ainda, por terem vivido em determinado local ou passado por determinada história. Os estigmas apontam para a dificuldade da sociedade de lidar com o diferente e eles são perpetuados por gerações e famílias, mas também pela mídia e muitas vezes também pela escola.

Alguns teóricos da pós-modernidade têm mencionado que vivenciamos na era atual o aparecimento de identidades fluidas, ou seja, não é possível perceber traços de fixidez ou características estáveis nas pessoas. Nesse contexto pós-moderno marcado, conforme menciona Enrique Rojas, por hedonismo, permissividade, relativismo, consumismo, há um novo padrão de ser humano ou uma nova identidade social, formada pelos seguintes componentes:

pensamento fraco, convicções sem firmeza, assepsia em seus compromissos, indiferença sui generis, feita de curiosidade e relativismo ao mesmo tempo... sua ideologia é o pragmatismo, sua norma de conduta, a vigência social – que vantagens leva, o que está na moda; sua ética se fundamenta na estatística, substituta da consciência; sua moral, repleta de neutralidade, carente de compromisso e subjetividade, fica relegada à intimidade, sem se atrever a sair em público (ROJAS, 1996, p.15)

Se a sociedade contribui para a construção da identidade pessoal e para o estabelecimento de identidades sociais, vale a pena ponderar sobre quais os valores que colaboram para construção dessa identidade. Muitos desses valores parecem se pautar sobre o conceito de que se é necessário “ter” para “ser”, ou seja, a identidade se reconstrói a partir dos bens que a pessoa possui ou deseja possuir. Seu valor, suas características, seu jeito de ser passam a ser condicionados por aquilo que ela conseguiu obter, como se fora desses bens ou sem esses bens, ela não pudesse existir. Ficam algumas questões: será que o que temos pode dizer de quem somos? Ou será que o simples fato de se possuir determinados bens permitiria a alguém o acesso a uma identidade social que traz identificação e que, talvez, muitas vezes não traga a acolhida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GHADIRI, Djahanchah; DAVEL, Eduardo. Do sólido ao fluido: contradição organizacional e paradoxo na construção de identidade. RAE Eletrônica, Rio de Janeiro, v.5, n.1. jan./jun. 2006.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Identidade do eu, consciência moral e estágios do desenvolvimento: perspectivas para a educação. Psicologia da Educação, São Paulo, v. 19, p.73-89, jul./dez. 2004.

GREEN, André. Orientações para uma psicanálise contemporânea. São Paulo: SBPSP; Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LIMA, Aluísio Ferreira. Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. Psicologia Política, Belo Horizonte, v. 14, 2008.

LINS, Maria Ivone Accioly. O mistério de Hamlet. Natureza Humana, São Paulo, v.4, p.33-57, jan. / jun. 2002.

ROJAS, Enrique. O homem moderno: a luta contra o vazio. São Paulo: Mandarim, 1996.